

# Frédéric Monneyron?

[ MARIA LUCIA BUENO ]

Doutora em Sociologia da Cultura e da Arte (IFCH-UNICAMP), com pós-doutorado em Sociologia da Moda (Université Paris-Est Marne-la-Vallée), é autora, entre outros, de *Artes plásticas no século XX: modernidade e globalização* (UNICAMP/Imprensa Oficial/FAPESP, 2001) e coorganizadora de *Cultura e consumo: estilos de vida na contemporaneidade* (Senac São Paulo, 2008).

E-mail: [marialucia.bueno@gmail.com](mailto:marialucia.bueno@gmail.com)



Rue Aubriot, Paris.  
Coleção Yves Saint Laurent,  
outono-inverno 1975.  
Foto de Helmut Newton para *Vogue Paris*, 1975.  
Imagem reproduzida em *Yves Saint Laurent (Petit Journal)*, Petit Palais/Musée de Beaux-Arts de la  
Ville de Paris, 2010, p. 14.

Ele não só percebeu muito bem as marcas deixadas por um sistema de indumentária milenar no seu tratamento dos sexos, mas identificou implicitamente a androginia à perfeição, à unidade e à permanência. (...) De fato, Yves Saint Laurent redescobre, a partir da indumentária, todas as características de uma velha figura mitológica. Assim como o corpo andrógino podia, para a escultura helenista da Antiguidade e, mais recentemente, para a pintura neoclássica do início do século XIX, significar o belo, da mesma maneira as roupas andróginas, na moda contemporânea, significam a elegância.

Se nos ativermos ao mundo e à moda contemporânea, (...) o elemento feminino agregado à roupa reforça a sedução masculina (...), tanto quanto a masculinização da roupa, longe de alienar o corpo feminino, reforça sua feminilidade. Mas quando o choque da surpresa inicial passou, cedendo ao hábito e depois à convenção, a sedução fatalmente erotizada se acaba, restando então a elegância, bem menos erotizada, e talvez junto com ela o que chamamos simplesmente de gosto. Essas operações eminentemente sintéticas que consistem, por exemplo, em saber contrastar radicalmente as cores ou organizá-las numa harmonia sutil, em saber casar uma túnica indiana com uma saia ocidental, uma calça de homem com uma blusa de mulher, não é exatamente isso que designamos mais trivialmente como gosto?

Essa elegância e esse gosto, nos quais Yves Saint Laurent atingiu a essência, remetem, não obstante, ao doloroso problema da sucessão do costureiro e da peregrinação da sua casa.

O estudo e a confrontação do imaginário global das roupas da sociedade com o imaginário particular das roupas de Yves Saint Laurent apontam com uma particular clareza que, após uma longa e quase excepcional coincidência, depois de uma dezena de anos, esses dois imaginários se afastaram um do outro. (...) Em outras palavras, Yves Saint Laurent não está mais na moda. E se YSL não está mais na moda, é precisamente porque a moda não é mais a elegância e a sedução, muito ao contrário.<sup>1</sup>

Para Frédéric Monneyron a moda não é um movimento irracional e aleatório, ela se desenvolve em estreita sintonia com o universo imaginário corrente, constituindo-se em um objeto privilegiado para desvendarmos o imaginário contemporâneo e de outros períodos históricos. Passando ao largo das explicações que a abordam como reflexo ou distinção social, o autor concentra sua análise no que considera o principal potencial do fenômeno da moda para os estudiosos da sociedade, o seu poder antecipatório.

Em sua obra principal, ainda não traduzida para o português, *La frivolité essentielle: du vêtement et de la mode*, editada pela primeira vez em 2001, Monneyron apresenta uma teoria sobre o tema e uma proposta metodológica, elaborada a partir dessa teoria, que os pesquisadores podem aplicar em suas investigações. Nesse sentido, trata-se de uma obra rara, de grande valia para um campo de reflexão, ainda carente de publicações, particularmente de textos que desenvolvam metodologias para condução de pesquisas sobre a questão.

### Moda como antecipação social

Para Monneyron, as roupas de moda antecipam um estado de coisas que está por vir, uma nova maneira de ser, que desponta para as pessoas como uma realidade consolidada, que é testada, simultaneamente, nesse processo. A moda aparece como simulação de um arranjo social novo, que experimenta sua viabilidade por meio dela. Ajuda a trazer à tona uma nova mentalidade, a qual num curto espaço de tempo pode se transformar em norma, em modo de ser corrente.

[ 16 ]

Se as roupas são uma forma de antecipação social, os estilistas são os visionários dos novos tempos, as antenas que captam as transformações sociais que se avizinhavam. Ao converter as roupas em moda, os estilistas materializam o espírito do futuro, colocando-o em circulação pelas ruas. Assim, na abordagem de Monneyron, as roupas e os estilistas têm um papel fundamental, pois é por intermédio deles que o pesquisador poderá identificar as antecipações sociais, que se depreendem das construções imaginárias evocadas pela produção de moda.

As revistas de moda aparecem como as principais mediadoras na difusão e na formação social das tendências, sendo um dos artífices da construção desse universo. Mas as revistas também se apresentam, numa perspectiva da história da moda, como o principal documento do pesquisador, pois através de suas páginas podemos extrair não apenas as diferentes tendências dominantes, como todo repertório imaginário, de estilos de vida e de valores que compõem a cultura de moda de uma determinada época, no seu sentido mais amplo.

Em *La frivolité essentielle*, para tratar do poder antecipatório da moda, Monneyron (2008, p. 25) escolhe como caso exemplar o problema "da identidade, do papel e da função sexual, uma vez que ele exprime de forma provocadora este poder de antecipação social". O autor inicia elencando alguns exemplos no decorrer da história, que abarcam do dandismo à moda contemporânea, passando pelas revoluções dos anos 1960, em que revela como a moda é um espaço extremamente importante na construção da identidade sexual, para ambos os sexos. De modo mais evidente, atua na transgressão das fronteiras e na imposição dos interditos. Mas igualmente relevante é o papel metafórico da moda, operando entre o consciente e o inconsciente, o sugerido e o manifesto, exercendo a função de representar o irrepresentável, particularmente com relação aos aspectos reprimidos da sexualidade.

O livro de Monneyron encerra aplicando a sua teoria na análise das obras de três costureiros, consideradas paradigmáticas de três diferentes períodos do imaginário social do Ocidente: Yves Saint Laurent, nos anos 1970, Jean-Paul Gaultier, nos anos 1990, e Christian Lacroix, na contracorrente.

## O autor

Doutor em Ciência Política, Letras e Ciências Humanas, Frédéric Monneyron nasceu em Paris, em 1954. Especialista em sociologia do imaginário, analisa questões ligadas à raça e à sexualidade. Sua teoria do imaginário se desenvolveu respaldada na antropologia estrutural de Gilbert Durand, um autor-chave na sua obra. No entanto, outros autores, como Oscar Wilde, Friedrich Nietzsche, Mircea Eliade e Georg Simmel, permeiam suas reflexões.

Um de seus trabalhos mais recentes, ligado tanto à sociologia do imaginário quanto à sociologia da moda, *Le monde hippie: de l'imaginaire psychédélique à la révolution informatique*, escrito em conjunto com Xiberras, faz uma nova leitura do fenômeno hippie, tratado até então como um fato histórico datado ou uma moda passageira. Os autores argumentam que, apesar do movimento em si ter se constituído em um episódio efêmero, o universo imaginário que ele formou ficou definitivamente impregnado na nossa cultura. A partir de um estudo dos seus elementos ideológicos e imaginários, apontam que, muito mais do que uma subcultura superada, o imaginário psicodélico permanece inscrito no da cultura atual, operando como síntese do conjunto de utopias do mundo ocidental.

Trata-se de um trabalho original e instigante, uma reflexão em torno de uma questão extremamente pertinente nos dias que correm, pois traz subsídios para compreendermos a predominância da cultura jovem na moda atual. Por essa nova obra, e por todas as demais, Frédéric Monneyron, uma referência fundamental para os estudiosos de moda, deve ser lido e traduzido para o português.

[ 17 ]

[1] MONNEYRON, Frédéric. *La frivolité essentielle: du vêtement et de la mode*. Paris: Quadrige/PUF, 2008, p. 157-159. Tradução livre: Maria Lucia Bueno.

## SAIBA MAIS

### Obras relacionadas à moda

MONNEYRON, Frédéric. *La sociologie de la mode*. Paris: PUF, 2006.

\_\_\_\_\_. *A moda e seus desafios: 50 questões fundamentais*. São Paulo: Senac, 2007.

\_\_\_\_\_. *La photographie de la mode*. Paris: PUF, 2010.

\_\_\_\_\_; XIBERRAS, Martine. *Le monde hippie: de l'imaginaire psychédélique à la révolution informatique*. Paris: Imago, 2008.

### Obras de temáticas diversas

MONNEYRON, Frédéric. *Séduire: l'imaginaire de la séduction de don Giovanni à Mick Jagger*. Paris: PUF, 1997.

\_\_\_\_\_. *L'imaginaire racial*. Paris: L'Harmattan, 2004.

\_\_\_\_\_ et al. *Sociologia do imaginário*. Porto Alegre: Sulina, 2007.